

Estudos do Letramento e o Grupo de Pesquisa em Línguas e Literaturas - LENUFFLE**Etudes du Letramento et le Laboratoire de Langues et Littératures LENUFFLE**

Joice Armani Galli¹
Universidade Federal Fluminense

Raisa Ketzer Porto²
Universidade Federal Fluminense

Resumo

Discorrer sobre pesquisa em línguas em nosso país vai ao encontro de desenvolver reflexões acerca da história das diferentes culturas que povoaram esse imenso continente que é a América Latina, do qual faz parte o Brasil. Longe de termos a pretensão de abordar um histórico tão complexo quanto extenso, nos propomos aqui a tratar do trabalho desenvolvido ao longo de quase duas décadas pelo grupo de pesquisa LENUFFLE³ – LEtramento ‘NUMérique’ da Fluminense para o Francês Língua Estrangeira – enquanto laboratório de estudos de línguas estrangeiras e/ou adicionais (LE/Lad) e sua interface com os estudos literários. O presente texto é de natureza descritiva, pois se propõe a traçar o percurso desse grupo à luz dos Estudos do Letramento, problematizando o que seja estudar línguas na contemporaneidade. Mais particularmente a partir da “Pedagogia dos Multiletramentos” ([1996], 2021), um breve panorama sobre *letramento(s)* e *(multi)letramentos*, sustentados particularmente em Street (2014 [1995]), Kleiman (1995), Soares (1998) e Kalantzis; Cope; Pinheiro (2020), será apresentado, com o objetivo de demonstrar a complexidade de se pensar a pesquisa em línguas e literaturas como aportes teórico-metodológicos importantes para os estudos em torno dessa área. Trata-se assim de um texto de cunho expositivo, cujas reflexões são debatidas igualmente à luz de Bunzen (2010) e especialmente sob o desenho do Letramento em Línguas (Camelo; Galli, 2019), já que pressupõem a pertinência do trabalho com e para as línguas de forma diversa, sejam estrangeiras, adicionais, de herança, dos povos originários ou de matriz africana, numa perspectiva plurilíngue no que tange às políticas públicas linguísticas e literárias.

Palavras-chave: Letramentos. Plurilinguismo. Grupos de pesquisa. Políticas linguístico-literárias

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem/PosLing e Professora Associada IV na Universidade Federal Fluminense/UFF, é pós-doutoranda pela Université d’Artois/França e doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, além de mestra em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS. Contato: joicearmanigalli@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1656-2003>.

² Doutoranda em Estudos de Linguagem/PosLing pela Universidade Federal Fluminense/UFF, mestra em Drama in Education pela Trinity College Dublin, especialista em ensino de inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, licenciada em Letras (português/ inglês) pela UFF. Contato: raisa.ketzer@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3148-5912>.

³ <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/467257>.

Résumé

Le fait de se pencher sur la recherche en langues dans notre pays correspond à réfléchir sur l'histoire des différentes cultures qui ont peuplé cet immense continent, l'Amérique latine, dont le Brésil en fait partie. Bien évidemment, nous n'avons pas la prétention de nous lancer sur un sujet aussi complexe que long, ce qu'on propose dans cet article est beaucoup plus simple. Il s'agit de présenter le groupe de recherche LENUFFLE – LEtramento 'Numérique' de la Fluminense pour le Français Langue Étrangère – et ce qu'il réalise au long de presque une vingtaine d'années sur le terrain des études autour des langues étrangères/additionnelles (LE/Lad) et son interlocution avec les études littéraires. Ceci dit, nous proposons de récupérer l'histoire du groupe à partir de la théorie sur 'Les Etudes do Letramento', plus précisément sur la « Pédagogie dos Multiletramentos » (1996), dont les théoriciens de base sont Street (2014 [1995]), Kleiman (1998), Soares (1998) e Kalantzis; Cope; Pinheiro (2020). Il s'agit d'un texte descriptif avec la collaboration des auteurs tels que Bunzen (2010) et en particulier Camelo et Galli (2019) pour ce qui est du 'Letramento en Langues'. Le présupposé de base est celui que tourne autour de la pertinence du travail avec et pour les langues de façon diverse et plurielle, soit les langues dites étrangères, additionnelles, d'héritage, des peuples autochtones ou d'origine africaine dans une perspective plurilingue dans le cadre de politiques publiques linguistiques et littéraires.

Mots-clés: Letramentos. Plurilinguismo. Groupes de recherche. Politiques linguistique-littéraires

Introdução

Contemporizar o conhecimento sobrepujado pelo estudo de línguas é um campo de trabalho em plena expansão. As diferenças linguístico-culturais já foram alvo de dissonância como pressupõe o inferno comunicativo da Torre de Babel, a redenção na Era Moderna⁴ como artefato para se comunicar na língua do 'inimigo', o crescente recurso à sua pertinência nas relações do mundo do trabalho, especialmente para a globalização, e os discursos fronteiriços em torno de políticas de internacionalização.

Situado no contexto macro de estudos linguísticos e literários, o presente grupo de pesquisa surgiu na primeira década dos anos 2000 e foi efetivamente registrado no DGP/CNPq em 2012, tendo como sede inicial a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O laboratório LENUFFLE tem seus primeiros passos quando da coordenação de línguas em uma secretaria de educação no sul do país, (Galli, 2008), mas terá efetivamente seu nascimento face às inquietações de um grupo de professores e discentes insatisfeitos com as condições de trabalho de profissionais e pesquisadores de francês na região Nordeste, vindo a incorporar logo a seguir outras línguas que passam a compor seu quadro de pesquisas. Em 2018, migra para sua nova Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), onde assume em seu acrônimo a própria sigla da universidade: LENUFFLE – LEtramento 'NUMérique' da Fluminense para o Francês enquanto Língua Estrangeira/UFF – Universidade Federal

⁴Era em que se inicia por volta de 1500, em que surgem novas tecnologias de manufatura (como a prensa móvel), novas formas de pensar (como a ciência e a razão secular) e novas relações sociais (como trabalho urbano e industrial). (Kalantzis, Cope, Pinheiro, 2020: 43)

Fluminense. Atualmente o grupo reúne diferentes realidades brasileiras e centra seus projetos de extensão, pesquisa e formação em quatro grandes eixos, quais sejam: *FLE: FOS/FOU*; Formação profissional docente e currículo no ensino-aprendizagem de línguas; Língua(gem) e Representação; Literatura, Línguas e sociedade.

A perspectiva dos Estudos do Letramento atravessa os referidos eixos e é fonte de discussões permanente nos encontros do grupo, pois acreditamos que, sendo as línguas fundadoras do pensamento humano, como já postulava Vygotsky, em sua obra “Pensamento e Linguagem” ([1934] 1987), seu estudo é uma constante busca sobre nossa ação nesse mundo. Sob tal perspectiva, e partindo-se do princípio de que tudo nos chega primeiramente no nível da percepção, importa compreender quais os efeitos que as Ciências da Linguagem e em particular o Letramento em Línguas têm sobre a maneira pela qual as pessoas experimentam essas relações.

O grupo de pesquisa em tela tem como pauta central fazer pensar a relação com as línguas que normalmente são tidas por acessórias ou complementares. Trata-se de um debate que se assenta sobre um espaço-tempo de tensão e inspiração conceitual que se define pelas múltiplas maneiras de ver esse objeto de estudo que são as línguas. Cientes de que escrever não é suficiente para explicar, entendemos que o questionamento sobre nossas relações com as línguas, em suas diferentes manifestações, nos permite delimitar de forma mais precisa o escopo dos projetos que se oportunizam nesse contexto. Entendemos igualmente que o trabalho sobre as línguas colaboram para a diminuição das desigualdades sociais, sobretudo aquelas permeadas pelo discurso e pelo descaso com que grande parte da população é levada a ignorar este conhecimento de mundo que são as línguas-cultura de herança, estrangeiras, adicionais, de matriz africana e dos povos originários do Brasil, já que “o desconhecimento cultural é também um desconhecimento da língua e de suas formas de pensar o mundo, cumprindo o Letramento em Línguas um papel importante para a formação crítica e decolonial de sociedades plurilíngues contemporâneas” (Galli; Lagares, 2024, p. 18).

Da mesma forma, língua e literatura, entendidas como associações incontornáveis nessa perspectiva de estudos, são as grandes áreas sobre as quais são desenvolvidos projetos de formação, de extensão e de pesquisa universitárias. Não sendo nosso objetivo aqui elencar todas as ações realizadas ao longo de quase duas décadas, tampouco apresentarmos exaustivamente suas implicações, nos limitaremos inicialmente a discorrer sobre o foco maior do grupo no que tange à problematização do Letramento em Línguas e suas reverberações epistemológicas enquanto laboratório de estudos e pesquisa. Perspectivada na “Pedagogia dos Multiletramentos”, cuja proposta partiu do *New London Group*/Grupo Nova Londres (GNL, 1996), traremos na primeira seção uma breve contextualização da polissemia do termo e de seu uso, seguido de alguns desdobramentos para adentrar especificamente ao Letramento em Línguas. Por fim, abordaremos resumidamente dois projetos, um de extensão e outro de estudos, quais sejam: o Escola pública entre línguas e o *FOU Littéraire*, ambos sediados na UFF e que atestam o quanto uma educação que prime pelos direitos vai ao encontro de políticas públicas linguísticas e literárias.

Letramento ou letramentos?

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior

leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (Freire, 2017 [1982], p. 29)

Gnerre (2017 [1985]) sinaliza que, das línguas europeias, o inglês era a única que dispunha de uma palavra, *literacy*, que se referia, de maneira abstrata, a todos os aspectos possíveis de envolvimento não só individual, mas também social, com a prática da escrita. As demais línguas europeias possuíam, segundo o linguista, palavras que se referiam apenas à atividade concreta de escrever, assim como ao seu produto, que é o caso da palavra portuguesa *escrita*, por exemplo. Outro dado relevante destacado por Gnerre em sua obra diz respeito ao fato de que a palavra *illiteracy* foi documentada dois séculos antes de seu oposto *literacy*. Fica claro, por meio desse exemplo, o caráter sócio-histórico da língua, ou como assevera o próprio autor:

Podemos interpretar esses fatos lexicais numa perspectiva de língua e classes sociais: do ponto de vista dos que escreviam e fixavam a língua escrita, o marcado era o não escrever (que em termos sociológicos era a característica mais comum) e como tal merecia uma característica explícita no léxico da língua, isto é, uma palavra especial para tal característica. (Gnerre, 2017 [1985], p. 37)

Soares (1998) aponta que, de forma análoga, a palavra *analfabetismo* já é antiga conhecida de falantes de português brasileiro, visto que a necessidade de descrever o *analfabeto*, aquele que é marginalizado pela sociedade grafocêntrica em que estamos inseridos, existe há muito. No entanto, a necessidade de se referir “[a]o estado ou condição de quem responde adequadamente às intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita” (Soares, 1998, p. 20) é recente. Dessa forma, chegou à nossa língua a palavra *letramento*, empréstimo do inglês *literacy* e que atualmente tem adquirido inúmeras concepções, desde o entendimento de uma capacidade quanto ao conceito mais amplo e sobre o qual nos valem em consonância ao que preconiza o GNL, na “Pedagogia dos Multiletramentos”, publicada em 1996.

É fundamental destacar, contudo, que, ainda que a palavra *letramento* só tenha chegado ao Brasil na década de 80, tendo sua primeira aparição da obra “No mundo da Escrita”, de Mary Kato (1986), o educador Paulo Freire já trabalhava 20 anos antes com um modelo crítico e emancipatório de alfabetização, no qual ecoam postulados do *letramento*. No seminal “Pedagogia do Oprimido” (Freire, 2014 [1968]), o educador advoga por uma educação emancipadora que se contraponha ao modelo bancário de educação para que, ao invés de serem meros receptores e reprodutores de conhecimento, os educandos e educandas possam ser agentes ativos no seu processo de aprendizagem, sempre por meio do diálogo, que é o encontro de seres humanos ‘mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*’ (Ibidem, p. 184). Assim, o objetivo do processo educativo é a conscientização, já que por meio de uma relação dialética entre ação e reflexão, a transformação da realidade se torna possível. Por essa razão, Gee (2008) afirma que Freire é o principal proponente do que o primeiro chama de *letramento emancipatório*. Nesse sentido, a profundidade desse campo em expansão que é o *letramento*, cuja polissemia irradia-se em diferentes áreas de atuação, trata mais de uma atitude do que efetivamente uma etiquetagem. Dessa mesma forma, nos servimos de uma citação de bell hooks para ilustrar a pertinência das ideias aqui evocadas, uma vez que

[...] a posse de um termo não dá existência a um processo ou prática; do mesmo modo, uma pessoa pode praticar a teorização sem jamais conhecer/possuir o termo, assim como podemos viver e atuar na resistência feminista sem jamais usar a palavra 'feminismo'. (hooks, 2020, p. 86)

Ainda assim, considerando a temática do presente capítulo, parece-nos relevante questionar sobre quais seriam as diferenças entre *alfabetização* e *letramento*. De acordo com Kleiman (1995), o conceito de *letramento* começou a ser utilizado no meio acadêmico justamente como maneira de distinguir os estudos sobre o que ela chama de 'impacto social da escrita' dos estudos sobre alfabetização, que focavam em competências individuais no que tange à prática e ao uso da escrita. Em outras palavras, os estudos de alfabetização, aos quais a linguista faz referência, não consideravam o papel social intrínseco à escrita e suas práticas, uma vez que viam a alfabetização como um processo mecânico de decodificar e codificar palavras, que pode se dar de maneira descontextualizada. Os Estudos de Letramento, por outro lado, surgiram com o intuito de abarcar o caráter social e cultural dos usos da escrita, que vai muito além da visão desta como 'uma habilidade que reside nas cabeças das pessoas'⁵ (Gee, 2008, p. 31).

Kleiman (1995), entretanto, faz uma importante observação no que diz respeito aos sentidos que Freire (1979) atribui à alfabetização, sinalizando que, diferente das concepções tradicionais mencionadas anteriormente, para o educador, aquela possui um caráter emancipatório, visto que é capaz de organizar o pensamento do/a alfabetizando/a de maneira reflexiva, desenvolver seu pensamento crítico e inseri-lo num processo de democratização da cultura e da libertação. Isso significa que o processo de alfabetização freiriano não é antagônico ao que defendem os Estudos de Letramento. Muito pelo contrário: o educador nos provou a importância de alfabetizar letrando.

Faz-se necessário, então, que nos perguntemos o porquê de falarmos de letramento, haja vista que a alfabetização freiriana contemplava o caráter emancipatório e reflexivo do processo de aquisição da escrita. De acordo com Soares (1998), novas palavras são criadas, assim como expandimos o significado das já existentes, para descrever conceitos emergentes, fatos recentes ou interpretações inéditas de fenômenos. Nesse sentido, é possível afirmar que, para um determinado grupo de pesquisadores e educadores, o substantivo *alfabetização* passou a não ser suficiente para traduzir suas necessidades pedagógicas, razão pela qual o letramento passou a ser adotado no Brasil. Segundo Kleiman (1995), isso ocorreu porque o sentido freiriano de alfabetização se limitou aos meios acadêmicos, ou seja, na realidade das escolas brasileiras, o sentido de *alfabetização* se manteve restrito às questões de competências individuais no uso e na prática da escrita.

Por fim, vale ressaltar que o campo de Estudos do Letramento não teve impacto somente nas áreas de alfabetização e aprendizagem de língua de nascimento ou língua nacional/oficial. No que diz respeito ao ensino de LE/Lad, também podemos notar um interesse gradativo por esse campo de estudos. Uma busca realizada no dia 18 de maio de 2024, por meio do *Google Scholar*, pelas palavras *letramento* e *língua estrangeira* indica 19.500 trabalhos relacionados com a área.

⁵ Tradução nossa. No original: "(...) an ability that resides in people's head"

E quais seriam os benefícios de se ensinar línguas pela perspectiva dos Estudos do Letramento? Ao comentar sobre a obra de Silva (1999), que trata do currículo enquanto um documento de identidade, Galli (2020, p. 08) assevera que "quando abordamos línguas através de um conceito de letramento, sensibilizamos para o outro, para a cultura estrangeira". Como podemos perceber, quando o ensino de uma LE/Lad se dá por meio de um conceito de letramento, o foco está em aspectos que vão muito além da aprendizagem da estrutura da língua em questão. O *outro* é colocado em cena, não por meio da colonialidade do saber (Quijano, 2005; Lander, 2005), isto é, sem ocupar um lugar de preeminência em relação ao *eu*, como ainda vemos muito em mitos pervasivos como o da superioridade do falante nativo (Holliday, 2006), por exemplo. Pelos Estudos do Letramento, o *outro* pode ser entendido por meio da relação que o sujeito estabelece com seu contexto histórico e social, construindo assim sua identidade sem, entretanto, renunciar à sua singularidade enquanto sujeito. Por essa razão, Galli (2020) afirma que a interculturalidade se torna uma abordagem indispensável dentro da aprendizagem das LE/Lad, sendo responsável não só por integrar as quatro competências⁶, mas também sensibilizando o aprendente para o outro, para a alteridade e para a diversidade humanas.

Sendo assim, na próxima seção discutiremos as concepções de letramento de dois grandes movimentos que marcaram a história do campo de Estudos do Letramento.

Letramento (s) e seus desdobramentos: Novos Estudos do Letramento e Multiletramentos

A presente seção tem por objetivo fazer uma breve discussão acerca de dois importantes movimentos dentro dos Estudos de Letramento: *New Literacy Studies* (Novos Estudos dos Letramento) e *New London Group* (Grupo de Nova Londres/GNL). Ambos possuem em comum o fato de compreenderem a escrita e a leitura de maneira contextualizada, reconhecendo o(s) letramento(s) como práticas sócio-histórico-sociais heterogêneas em oposição à visão hegemônica, que compreende o letramento como um modelo único e homogêneo, conseqüentemente, hierarquizando práticas letradas. Por essa razão, é possível afirmar que esses movimentos significaram uma grande ruptura no entendimento do que são e do que representam as práticas de letramento.

Bunzen (2014, p. 07) afirma que "a cultura escrita tem sido objeto de interesse de várias disciplinas e, ao mesmo tempo, terra de ninguém". De fato, pesquisadores das mais diversas áreas têm se dedicado ao estudo dessa cultura escrita nos últimos anos, o que também poderia explicar a polissemia no que tange ao conceito de letramento. Dentre esses pesquisadores e pesquisadoras, podemos citar os trabalhos de Street (2014 [1995]) e Gee (2008), que rejeitaram essa visão do letramento como uma habilidade neutra, conceituando o fenômeno como uma prática ideológica que está envolta em práticas e significados culturais específicos (Street, 2014 [1995]). Essa nova maneira de se pensar a natureza do letramento ficou conhecida como *New Literacy Studies* ou *Novos Estudos do Letramento*, em português.

Street (2014 [1995]) diferencia o *modelo autônomo* do *modelo ideológico* de letramento. O

⁶ Faz-se referência aqui às seguintes competências: compreensão auditiva/escuta, expressão oral/fala, compreensão escrita/leitura e expressão escrita.

primeiro entende o letramento como um conjunto de capacidades cognitivas que podemos medir, visto que compreende o letramento como homogêneo, isto é, um modelo supostamente “neutro”. Todavia, na realidade, tal paradigma se dá por meio da imposição, seja de modelos ocidentais de letramentos para outras culturas, seja pela imposição de uma classe social sobre outra (Street, 2005). O segundo, por sua vez, que é aquele pelo qual o pesquisador advoga, entende que “as práticas letradas são produtos da cultura, da história e dos discursos” (Bunzen, 2014, p. 9). Por essa razão, Street (2005) enfatizava a importância das práticas de letramento se darem de maneira situada, pois, ao reduzirmos o letramento a um conjunto neutro de competências e habilidades, retiramos seu caráter situacional para ensinar aos aprendentes o conteúdo que estipula as identidades e papéis que eles devem exercer no mundo.

No tocante ao conceito de multiletramentos, ele surgiu a partir de um manifesto nomeado *A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures*, publicado em 1996 pelo GNL (Cope; Kalantzis, 2015). Para esses e essas pesquisadores(as), o termo *letramento*, no singular, não dava conta do mundo globalizado e conectado em que nos encontramos, onde a mídia de massa e a internet vêm criando e difundindo uma miríade de novos gêneros textuais, que misturam diferentes modos de significado que não o escrito (Cope; Kalantzis, 2015). Por esse motivo, é indispensável que, além de modos grafocêntricos, os aprendentes de hoje sejam expostos também aos modos de letramento relativos ao universo da escrita, do visual, da dinâmica espaço-temporal, tátil, gestual, áudio e oral (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020).

Da mesma forma, para o GNL, o resultado de suas discussões:

[...] poderiam ser encapsulados em uma palavra – multiletramentos – palavra essa que escolhemos para descrever dois aspectos importantes em relação à emergente ordem cultural, institucional e global: a multiplicidade de canais de comunicação e de mídia, e a crescente saliência da diversidade cultural e linguística. (GNL, 2021, p. 106)

Na próxima seção, dissertaremos sobre algumas especificidades dessa abordagem para os processos investigativos e de ensino-aprendizagem em línguas.

Letramento em Línguas

Segundo a obra “Letramentos”, de Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), grafado com maiúscula e no plural, a estreita relação entre comunicação e representação estão no berço da concepção epistemológica deste amplo e abrangente conceito da pós-modernidade, qual seja: o letramento. Mas os letramentos retratam mais que isso, referem-se ao pensamento e particularmente à representação que fazemos do mundo e das coisas. Nesse sentido, entendemos que o Letramento em Línguas, aí em maiúscula e no singular por referir-se ao escopo das LE/Lad enquanto conceito, avizinha-se dos estudos relativos à Semiótica e à Análise do Discurso pela relação que estabelece com seu objeto, qual seja, o binômio língua-cultura. Assim, por meio da miríade de refrações que o mergulho na cultura alheia desencadeia, possui na representação um espaço-tempo privilegiado para os estudos linguísticos e literários do grupo de pesquisa em tela, já que

No começo do século XXI, a pedagogia crítica se deslocou na direção dessa segunda vertente, rumo a uma teoria da diferença cultural e linguística. Nessa abordagem, não se reconhecem mais um cânone literário superior e uma forma-padrão oficial da língua nacional, mas apenas diferentes tradições literárias, discursivas e culturais. Do mesmo modo, também não se reconhece a língua como algo fixo e abstrato, mas como variedades linguísticas relacionadas a diferentes necessidades e interesses culturais. (Kalantzis, Cope e Pinheiro, 2020, p. 156)

Justamente quais são os interesses culturais em se trabalhar línguas na escola pública? Ou dito de outro modo, quais são os propósitos de ensinar e aprender LE/Lad nestes contextos? Qual o papel da literatura de línguas nos espaços públicos de ensino⁷? Para que servem as línguas nas pesquisas desenvolvidas com subvenção das agências de fomento nas universidades brasileiras? Essa discussão parece-nos fundamental para pensar o campo de estudos sobre línguas, ainda muito incipiente no Brasil, ou seja, muito trabalho ainda há de ser feito, sobretudo por haver relações intrínsecas à representação e à interculturalidade (Galli, 2022), que são centrais para o entendimento do que seja o Letramentos em Línguas, enquanto conceito de área.

Nesse sentido, partilhamos uma narrativa escolar que consideramos oportuna neste momento do texto. A experiência como professora de FLE, de uma das autoras deste artigo, dos Anos Iniciais, segmento do Ensino Fundamental 1, da Educação Básica (EB) nas redes públicas do sul do país, permitiu vivenciar a realidade desse processo no referido contexto. Sendo as escolas avaliadas pelas notas que seus alunos obtêm no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), a partir de duas disciplinas básicas: o português e a matemática, a narrativa que se deu durante o início dos anos 2000 é minimamente curiosa. Durante uma aula de francês, ao trabalhar os substantivos gentílicos, como, por exemplo, *français, française, brésilien, brésilienne* a dificuldade demonstrada por alguns alunos fez com que a professora recorresse ao português, numa perspectiva de relacionar aquela língua com a brasileira, gerando assim uma ‘pegada’ intercultural, afirmando que se tratava da mesma lógica, justificada inclusive pelo fato de serem ambas línguas românicas ‘*langues proches, quelques approches*⁸. Assim, perguntou à turma qual seria o feminino de português face à resposta de um aluno: a matemática.

Excelente processo de letramento crítico, relacionando essa dupla de disciplinas tão importante na avaliação da escola, porque sim, línguas, educação física, filosofia, música, artes e sociologia não importavam (e ainda não importam...), mas tão somente as disciplinas consideradas balizadores quantitativos, condição que se perpetua com a Base Nacional Comum Curricular/BNCC (Brasil, 2018) e a proposta do Novo Ensino Médio (NEM). A ‘sacada’ inteligente desse aluno ao reconhecer o masculino e o feminino em uma dupla nacional escolar foi um excelente exemplo de processos mobilizados pelo estudo da cultura estrangeira, pois conforme afirma Azzari e Lírio (2023) em relação ao contexto de formação

⁷ Sobre tal tema, sugerimos a leitura de textos em torno do projeto ‘Les Crabes/Os Caranguejos’, que foi realizado pelo LENUFLE durante alguns anos em uma biblioteca pública, nas referências ao final deste artigo, bem como a leitura da seguinte matéria jornalística: <https://cartacampinas.com.br/2020/07/projeto-les-crabes-ensina-frances-atraves-da-literatura-infantil/>

⁸ Tradução nossa: línguas próximas, algumas aproximações.

e pesquisa em línguas, ambos observam que “ainda são processos demasiadamente focados nas estruturas que subjazem as formas linguísticas, nos meios em que/pelos quais circulam e em suas ‘aplicabilidades’, geralmente, de forma acrítica”, (Ibidem, p. 250).

As línguas são práticas sociais vinculadas a seus contextos e, como tais, são criadas a partir da diversidade. Fazemos coro com Galli (2022) quando afirma que é indispensável que se tenha uma perspectiva intercultural ao se abordar o conhecimento em línguas. Da mesma forma, partilhamos a citação a seguir ainda sobre a relevância do intercultural no Letramento em Línguas:

Nesse sentido, é basilar compreender o conceito sobre o qual se entende, neste trabalho, a noção de interculturalidade. Resultado, mas não como mero produto, de todo um ecossistema que funda a língua, a cultura é intangível pelo alcance inestimável que abrange. Some-se a essa noção, a aliança que o estudo de uma LE acorda ao processo de aquisição, criando um espaço entre a cultura da língua-alvo e a cultura de origem como uma ‘liga’ que consolida o novo conhecimento, consubstanciando os componentes comunicacionais de uma dada civilização. Assim, pela condição *sine qua non* de que língua implica mutuamente cultura, ao conhecer uma LE experimenta-se a interculturalidade, responsável por disparar toda uma série de representações inegáveis para a efetiva aquisição da língua-alvo. (Galli, 2015, p. 112)

E o que seria essa perspectiva intercultural? Candau (2012) aponta que a interculturalidade pode ser entendida como sinônimo de *multiculturalismo interativo*. Essa perspectiva é caracterizada por seu caráter aberto, dialógico e interativo, sendo a adequada no que tange à construção de sociedades democráticas, capazes de articular políticas de igualdade com políticas de identidade. Assim, uma educação intercultural tem como objetivo o reconhecimento do *outro* e o diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais, de forma a enfrentar conflitos causados pela assimetria de poder e contribuir na construção de um projeto comum, em que as diferenças sejam integradas de maneira dialética (Candau *et al.*, 2013). Por esse motivo, o Letramento em Línguas tem como uma de suas bases o desenvolvimento de uma abordagem intercultural, pois entende que a língua é um “binômio incontornável da cultura” (Galli, 2022, p. 133), atravessada por relações de poder que não podem ser naturalizadas.

Nesse sentido, os letramentos por serem um conceito que nasceu a partir das contribuições do campo de Estudos do Letramento, em especial aquelas de Street (2014 [1984]) e do GNL (2021 [1996]) aportam na relevância de se considerar a representação e o intercultural como elementos nodais do Letramento em Línguas. Esse, por sua vez, não entende a leitura e a escrita como habilidades autônomas, mas como espaço de múltiplas semioses (Galli, 2022). Além disso, não se pauta em teorias como da grande divisão, isto é, não polariza práticas orais e escritas da língua, pois há um movimento holístico na aquisição desse conhecimento que não pode ser negligenciado. Daí a relevância do acréscimo da locução adjetiva *em línguas* ao substantivo *letramento*: coloca-se em evidência a importância dessa grande área do conhecimento na ‘Pedagogia dos Multiletramentos’.

O apagamento histórico do multilinguismo em nosso país, com a reafirmação do

português padrão como língua nacional em detrimento das línguas minoritárias e das demais variedades daquela língua (Duboc, Ferraz, 2022), como a perspectiva monolíngue de ensino de LE imposta pela BNCC (Brasil, 2018), documento que norteia as políticas educacionais de todo o país, parecem ser explicações possíveis para a ênfase dada às questões do multilinguismo e dos elementos aqui evocados como nucleares, quais sejam a representação e a interculturalidade pelo Letramento em Línguas. Sob tal perspectiva, partilhamos da citação de Camelo e Galli (2019), no que tange à pertinência da diversidade linguística no espaço público “Assim, o Letramento em Línguas que se sustenta na abordagem cultural do ensino-aprendizado de LE se apresenta como uma ação de política pública no sentido de diversificar as línguas propostas pela escola” (Ibidem, 2019, p. 470). Por fim, vejamos na seção a seguir o relato de dois projetos que discorrem também sobre tais problemáticas: um de cunho linguístico e outro literário, isto é, um trazendo à baila a discussão em torno do plurilinguismo, em sua interlocução intercultural, e outro mais voltado para literatura e suas reverberações no que tange à leitura acadêmica.

Grupo de extensão e grupo de estudos na UFF: língua e literatura engajadas na formação crítica social

A universidade pública se sustenta sobre três pilares fundamentais, quais sejam: formação, pesquisa e extensão. Vale registrar que um quarto pilar, contemplando a internacionalização, tem sido acrescentado ao grande trabalho social e político que as Instituições de Ensino Superior (IES) têm realizado ao longo de quase 100 anos de universidades brasileiras (Galli *et al.*, 2023, p. 299). Sendo o caso da UFF que completou 60 anos em 2020 e celebra sua atuação em diferentes *campi* nas quatro referidas esferas do trabalho que cumpre realizar em sua vivência com a sociedade local e global. Ainda que sejam muitos os projetos desenvolvidos por esta IFES, nos deteremos aqui a discorrer sobre a ação extensionista promovida pelo LENUFFLE e os laboratórios *Práticas de linguagem, trabalho e formação docente* e o *Grupo de Estudos em Tecnologias no Ensino-Aprendizagem de Línguas*, no que tange à discussão sobre línguas junto a comunidades escolares. Como projeto de estudo, nos debruçaremos sobre a apresentação geral do projeto linguístico-literário realizado junto à Rede ANDIFES (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais e Ensino Superior) por meio do Programa nacional Idiomas sem Fronteiras/IsF/Francês.

Projeto de extensão ‘Escola pública entre línguas’ na UFF

Ao longo de seus quatro anos de existência, o projeto *Escola Pública entre Línguas* vem estreitando os laços entre universidade e sociedade. Por meio da escuta ativa do que é trazido pelos educadores e educadoras, assim como das leituras e discussões que os membros do grupo realizam, foi possível identificar a ausência de uma educação plurilíngue nas escolas públicas como uma das grandes insatisfações de professores de línguas da rede. Isso pode ser corroborado, inclusive, pelo conteúdo da carta manifesto elaborada pelos próprios professores, intitulada *Língua(s) e/é democracia*, conforme link para acessar seu texto e

assinatura⁹, bem como pelo conteúdo disponível no canal do Youtube do projeto¹⁰. Por ter essa relação transformadora como nosso horizonte, levamos a discussão sobre a importância de um ensino plurilíngue nas escolas, com o objetivo de pressionar o poder legislativo a converter esse importante debate em políticas educacionais, a exemplo da audiência pública junto à Alerj (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro), realizada em agosto de 2022.

Trata-se de um espaço para além das diferenças de natureza linguística, voltado para reflexões acerca de como o ensino de LE/Lad na escola pública colabora com a formação de sujeitos glotopolíticos (Galli; Lagares, 2024). Espaço de diálogos construídos sem amarras institucionais e sem a interferência de associações docentes e/ou instituições de vínculo profissionais, no qual professores verbalizam suas angústias relativas às políticas impostas a suas práticas, entre muitos outros pontos mencionados. Este espaço de aproximação deu também possibilidade a estudantes de graduação e da pós-graduação de participarem, e efetivamente acederem, por meio das questões debatidas, a realidades e adversidades enfrentadas no cotidiano laboral pelos docentes. O plurilinguismo, como possibilidade de escolha por parte dos estudantes da EB, apresenta-se como contribuição fundamental para a formação de sociedades mais justas.

Projeto de Estudos: *FOU Littéraire* na UFF

O projeto de ensino de literatura no ensino de língua, intitulado *FOU Littéraire*, teve início na UFF ainda em meados de 2019, quando a universidade era uma das primeiras cinco instituições a acolher a premiação literária parisiense: *Choix Goncourt du Brésil (CGB)*. O FOS e o FOU, respectivamente *Français sur Objectif Spécifique e Universitaire*, são vertentes do FLE, *Français Langue Etrangère*, grande área dos estudos de língua e cultura francesas que se bifurca para atender as especificidades de situações profissionais, tais que a Medicina, o Direito ou as Engenharias, dentre outras, e a vida universitária, auxiliando na compreensão das distintas maquetes curriculares que caracterizam os países francófonos com as grades do ensino superior brasileiras em sua estrutura e conceito.

A partir de políticas de internacionalização das universidades brasileiras, esse construto teórico-metodológico que representa o FOU é empregado com vistas a preparar os estudantes para intercâmbios, especialmente nos últimos tempos. No entanto, o projeto do *FOU Littéraire* na UFF não tem por finalidade *per se* a mobilidade, mas tem antes a preocupação de sensibilizar o futuro intercambista para o conhecimento de uma visão de mundo descortinada pelo estudo da literatura francófona contemporânea através do estudo da língua (Galli *et al.*, 2023). Vinculado à linha FLE: FOS/FOU do laboratório, o referido projeto nasce face à leitura dos romances elencados pelo CGB, cujas obras devem ser lidas e discutidas para, juntamente a um júri nacional, ocorrer a eleição brasileira dessa premiação.

Trata-se de um projeto de estudo em construção permanente, pois desencadeia duas produções acadêmicas muito importantes na formação leitora dos estudantes de Letras. A redação das *fiches de notation*, documentos elaborados em francês nos quais os membros do

⁹ <https://shorturl.at/9ynIs>.

¹⁰ [\(82\) Escola Pública Entre Línguas - YouTube](#)

grupo de leitura aprendem a argumentar na defesa de uma obra em detrimento das demais; e a elaboração das *fiches d'enseignant(e)* e das *fiches d'apprenant(e)* do conjunto de materiais que compõem o acervo didático-pedagógico do módulo *Introdução à leitura na literatura francófona contemporânea*, do Programa nacional IsF/Francês.

Ambos os projetos, apresentados aqui apenas a título de ilustração, revelam a pertinência em serem realizadas ações que aproximem a universidade da sociedade por meio da língua e da literatura. Enquanto campo de ação e reflexão, é papel da universidade cumprir com suas demandas sociais, com vistas a atender uma agenda política que busque a diminuição das desigualdades sociais.

Considerações finais

Convencidas da relevância dos processos que envolvem línguas por meio do quadro teórico dos Estudos do Letramento e de seu desdobramento mais voltado para os processos que envolvem línguas, como preconizam os princípios do Letramento em Línguas, propomos a escrita deste artigo por entendermos que professoras/pesquisadoras e professores/pesquisadores dessa área têm muito a dizer sobre um conhecimento que desde sempre foi secundarizado. O que o aquecimento global, a exemplo da devastação ocorrida em maio de 2024 no Rio Grande do Sul face a maior catástrofe climática do sul do país, as crises políticas mundiais promovidas pela ascensão da extrema direita, a crise sanitária e os efeitos da pandemia da Covid-19 têm a ver com pesquisa e ensino-aprendizagem de línguas? Como sujeitos inseridos em contextos sociais precisos, situados histórica e geograficamente, entendemos que tudo se faz pelo atravessamento do discurso, pela existência das línguas enquanto forma de constituição da humanidade e que suas formas de dominação estão presentes em quem conduz a sociedade, ao aparato jurídico que exclui pessoas humildes da compreensão de leis herméticas que mais servem para defender interesses dos privilegiados do que buscar a construção de sociedades efetivamente democráticas.

A política precisa ouvir e dialogar com a ciência. Trabalhar línguas na perspectiva teórica aqui evocada é trabalhar na emancipação social, é trabalhar para que as línguas saiam de seus nichos e visitem as comunidades enquanto corpo político de intervenção. Se insurjam ao caráter acessório que lhes é muitas vezes conferido para se apropriar do palco da vida de muitas pessoas que têm seu discurso calado ou invisibilizado por não responderem aos cânones do discurso oficial, da língua nacional ou da língua dita materna. Por isso nos valem mais uma vez de hooks quando refere que a falsa pretensão da ciência branca, masculina e europeizante pressupõe que deveríamos trabalhar “como se a história não importasse mesmo que você tenha sido prejudicado, ou seus pais tenham sido imigrantes ou filhos de imigrantes que trabalharam por quarenta anos e não tenham nada” (hooks, 2020, p. 187).

Sendo assim, destacamos aqui a utilização do plural *línguas*, reforçando nossa defesa inexorável do plurilinguismo, pois acreditamos que tal educação tem o potencial para emancipação, uma vez que constrói o saber científico a partir das realidades, das necessidades e dos interesses dos sujeitos aprendentes das diferentes realidades brasileiras.

Referências

AZZARI, E. F.; LIRIO, C. J. Multiletramentos como formas de (res)significar o corpo e as diversidades: reflexões sobre educação linguística, decolonialidade e antirracismo. In: PINHEIRO, P. AZZARI, E. F. (orgs). **Multiletramentos em teoria e prática: desafios para a escola de hoje**. Volume 2. Pontes Editores: Campinas, 2023. https://ponteseditores.com.br/loja3/pontes-editores-home-2__trashed/ebook/multiletramentos-na-escola-por-meio-da-hipermidia-volume-2/ Acesso em julho de 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/conhecaDisciplina?disciplina=AC_LIN&tipoEnsino=TE_EF. Acesso em: setembro 2024.

BUNZEN, C. Apresentação de Letramentos Sociais. In: STREET, B. **Letramentos Sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

CAMELO, E.; GALLI, J. A. Línguas estrangeiras e outras relações possíveis com a escola pública. In: **Revista Investigações**. Recife, v. 32, n. 2, p. 456-478, 2019.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/241740>

CANDAU, V. M. F. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235–250, 2012.

CANDAU, V. M. F. *et al.* **Educação em direitos humanos e formação de professores**. São Paulo: Cortez Editora, E-book Kindle, 2013.

COLETIVO ESCOLA PÚBLICA ENTRE LÍNGUAS. **Pelo direito a uma educação plurilíngue**. <https://www.youtube.com/@escolapublicaentrelinguas8973> Acesso em setembro 2024.

COPE, B.; KALANTZIS, M. The things you do to know: An introduction to the pedagogy of multiliteracies. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (ed.). **A pedagogy of multiliteracies: Learning by design**. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

CORREA, F. P.; GALLI, J. A. Devenir enseignant de FLE au Brésil : L'expérience du projet Les Crabes pour l'implantation de politiques publiques linguistiques. **caleidoscópico: Literatura E tradução**, 5/2021. <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v5i1.39528>. Acesso em setembro de 2024.

DUBOC, A. P. M.; FERRAZ, D. de M. Reading ourselves: Placing critical literacies in contemporary language education. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 227–254, 2018.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014 [1968].

GALLI, J. A.; LAGARES, X. C. Perspectiva glotopolítica e letramento em línguas: um diálogo convergente para a pesquisa em política linguística. In: **The Specialist/Dossiê Políticas Linguísticas para o Multilinguismo no Sul Global**. Vol. 45, número 4, 2024, p. 11-37. <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/65129/45706>. Acessado em 11 de setembro de 2024.

GALLI *et al.* O programa FsF na xxx e o FOU Littéraire: uma experiência a ser compartilhada. In: **REVEC/Revista de Estudos de Cultura – Dossiê Políticas Linguísticas, Idiomas Sem Fronteiras e Internacionalização do Ensino Superior**. Vol. 9, número 23, 2023, p. 297-310. <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/20584>. Acessado em 17 de setembro de 2024.

GALLI, J. A. Representação e interculturalidade: Noções centrais para as línguas no campo de estudos do letramento. In: GRIGOLETTO, E. et al. (Eds.). **Tensões entre o urbano e o digital: discurso (s), arte, política (s)**. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 124–141. https://issuu.com/neplev/docs/ebook_v_seplev_com_ficha_e_isbn (Acesso em 07 de setembro de 2024).

GALLI, J. A. Política linguística e letramento em LE: O papel das línguas na sociedade contemporânea. In: GRIGOLETTO, E.; NARDI, F.; SILVA, S. D. (org.). **Discursos da resistência: literatura, cultura, política**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

https://issuu.com/neplev/docs/discursos_de_resistencia. Acesso em junho de 2024.

GALLI, J. A. Línguas estrangeiras: formação e pesquisa nas Letras, consciência política e social. In: ATAÍDE, C. *et al.* **GELNE 40 anos/Experiências teóricas e práticas nas pesquisas em Linguística e Literatura**. São Paulo: Blucher Editora, p. 231-252, 2017b.

https://www.blucher.com.br/gelne-40-anos_9788580392852. Acesso em julho de 2024.

GALLI, J. A.; SANTOS, L. Tornar-se professor de francês no Brasil: a experiência do projeto ‘Les Crabes’ para a implementação de políticas públicas linguísticas. **Cadernos de Letras da xxx**: Niterói, número 53, 2016, 379-401.

<https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/4362>. Acesso em setembro de 2024.

GALLI, J. A. A noção de intercultural e o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil: representações e realidades do FLE. **Revista EntreLinguas**, Araraquara, v. 1, n. 1, p. 111–130, 2015. <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/8055>. Acesso em julho de 2024.

GALLI, J. A. Letramento, cultura e diversidade em políticas de ensino de LE. In: SANTOS, S. C. K. dos; MOZZILLO, I. Cultura e diversidade na sala de aula de língua estrangeira. Pelotas: Editora Universitária, UFPEL, 2008, p. 182-191.

GEE, J. **Social linguistics and literacies: Ideologies in discourses**. Oxfordshire: Routledge, 2008.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

GRUPO NOVA LONDRES. Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuros Sociais. Tradução de Deise Nancy de Moraes, Gabriela Claudino Grande, Rafaela Saleme Bolsarin Biazotti, Roziane Keila Grandó. **Revista Linguagem em Foco**, v.13, n.2, p. 101-145, 2021.

Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuro Sociais | Revista Linguagem em Foco (uece.br) Acesso em janeiro de 2024.

HOLLIDAY, A. Native-speakerism. **ELT Journal**, Oxford: Oxford University Press, v. 60, n. 4, p. 385–387, 2006.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

KATO, M. **No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1998.

STREET, B. **Letramentos Sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, [1995]2014.

STREET, B. The limits of the local – ‘autonomous’ or ‘disembedding’? **The International Journal of Learning: Annual Review**, Illinois, v. 10, n. 1, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, [1934]1987.

Recebido em 18 de outubro de 2024

Aceito em 22 de novembro de 2024